

# VÁRIA

---

## Reivindicações da sciência geográfica portuguesa

Há quinhentos anos as concepções cosmogónicas e as ideas sôbre a forma da Terra, suas dimensões, sua posição no espaço, distribuição dos continentes e dos mares, existência de antípodas, habitabilidade da zona tórrida, fenómenos físicos da superfície do globo, etc., etc., careciam em geral de uma base sólida, resultavam, na maior parte, de meras especulações filosóficas e, só em raros casos, de observações da realidade dos factos.

Os antigos Helenos encararam muitas questões de geografia física e matemática com notável intuição científica; os Arabes deixaram, sôbre o assunto, trabalhos de real merecimento. Mas o que é verdade é que, emquanto se não realizaram os grandes descobrimentos geográficos dos séculos XV e XVI, a geografia geral não podia saír do campo das hipóteses, das conjecturas, da fantasia, na maioria dos seus problemas. As considerações com que Lactâncio, há 16 séculos, ridicularizara quantos acreditavam na existência dos antípodas, podiam ser repetidas, e foram-no certamente, no século XIV e no comêço do século XV, por aqueles que partilhavam a opinião do referido escritor. Alguns dos sábios que no fim da Idade-Média defendiam a concepção da esfericidade da Terra, não admitiam a existência dos antípodas; sirva de exemplo o erudito Cardeal Pedro d'Ailly.

De resto, com raras excepções, o idealismo, o misticismo, a concepção da vida nos tempos medievais, desviaram as almas do estudo e, até, da simples admiração da natureza. Todos os pensamentos deviam ser dirigidos para Deus, a tódas as acções deviam presidir considerações de ordem religiosa, a filosofia era, na fórmula tantas vezes repetida de S. Tomás de Aquino, a serva da teologia.

Mas, volvido o último quartel do século XV, atinge a sua fase culminante um movimento de origem já longínqua e a que, bem ou mal, se convencionou chamar o Renascimento. A Idade-Média é olhada com desdém: na reacção que se lhe segue, os humanistas esquecem-se de que durante aquella época se elaborara moral, social e politicamente o mundo moderno. O Homem do

Renascimento, seduzido e estonteado pela novidade e pelo brilho real da cultura clássica, esforça-se por se libertar de tôdas as peias, de todos os incômodos preconceitos, renega o seu passado, despreza a tradição, revolta-se contra tôda a autoridade moral ou temporal e a todos os campos faz descer a crítica, o exame, a dúvida. Nasce o espírito científico, a atitude crítica da inteligência perante os factos.

E as velhas concepções relativas à Terra, os velhos dogmas geográficos ruem fragorosamente, porque já lhes não basta a autoridade dos Mestres para os fazer viver.

É em geral reconhecido que êsse belo movimento renovador de ideas e emancipador do espírito, deve a maior parte do seu brilho aos grandes descobrimentos geográficos portugueses e espanhóis; todavia o que no estrangeiro parece ainda não estar definitivamente admitido são a originalidade e as bases científicas das explorações geográficas portuguesas, embora já não seja de agora que os estudos do sr. Joaquim Bensaude começaram a banhar de luz nova e fecunda êsse glorioso capítulo da História de Portugal. Notam-se ainda em alguns livros da especialidade, de autores estrangeiros, umas certas reservas, uns significativos silêncios em tudo que se refere à sciência náutica portuguesa dos séculos XV e XVI, reservas e silêncios que hoje já não teem razão de ser.

Em Barcelona, a Editorial Labor vem publicando uma valiosa e utilíssima *Biblioteca de Iniciación Cultural*, que se compõe já de mais de oitenta pequenos volumes sôbre diversos assuntos de filologia, psicologia, educação, literatura, artes plásticas, música, história, geografia, direito, política, economia, matemáticas, física, química, sciências naturais, higiene. Êsses manuais, de leitura «breve, agradável e proveitosa», são da autoria dos mais afamados especialistas modernos; e, de acôrdo com o plano da *Colección*, apresentam belamente sistematisadas, com simplicidade, clareza e absoluto rigor científico, as ideas mais importantes sôbre tôdas as sciências e artes.

Temos presentes dois dêsses volumes, há poucos mêses publicados: *La época de los descubrimientos*, de Sigmund Günther, e a *Historia de la Geografía*, de Konrad Kretschmer. São trabalhos de reputação já feita e de autores há muito consagrados. A *Historia de Geografía*, que ainda recentemente Dantin Cereceda enalteceu com justiça, expõe por uma forma ampla mas concisa e clara, o «processo do desenvolvimento dos nossos conhecimentos científicos acêrca da Terra»; *La época de los descubrimientos* é o relato sucinto mas palpitante e tanto quanto possível completo da

conquista do globo pelo Europeu para o convívio da civilização. Traduziu os dois manuais o sr. Prof. L. Martín Echeverria, do Instituto de Segóvia.

A segunda edição alemã da obra de Kretschmer, que foi a que serviu de texto para esta tradução espanhola, data de 1912, ano em que também foi publicada em Berne a célebre monografia de Bensaude «*L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*». Não pode, pois, constituir motivo de estranheza o facto de se não encontrar naquele livro qualquer referência especial aos conhecimentos náuticos dos Portugueses, ou ao aspecto científico das nossas emprêsas marítimas. De resto, eram assuntos em que até então mal se falara, com os quais muitos se não preocuparam sequer, desconhecendo mesmo a preparação consciente e metódica do esforço marítimo português. Mas Kretschmer, como bom alemão, não deixa de enaltecer o saber cosmográfico dos seus compatriotas. Não repete de um modo claro e explícito a velha afirmação humboldtiana de que a arte náutica portuguesa se baseara nas obras de Regiomontano e nos conhecimentos científicos de Martin Behaim; contudo diz:

«Entre los compañeros de Cão (*Diogo*) se encontraba un joven aristocrata de Nürenberg, Martin Behaim... al que se supone que instruyó el célebre Regiomontanus... en los trabajos matematicos y cosmográficos. El rey D. Juan II habia instituido una «Junta dos mathematicos» y Behaim fué llamado para formar parte de ella y dedicarse a los estudios que parecían mas aplicables a la navegación» (1).

Kretschmer foi prudente; exceptuando as duas afirmações de que Behaim acompanhou Diogo Cão na sua viagem à costa africana e de que houve uma instituição chamada *Junta de Matemáticos*, problemas que teem constituído objecto de animadas discussões, nada escreveu que legitimamente se possa contestar.

Simplesmente é pena que o eminente geógrafo germânico não tenha juntado neste ponto uma breve nota, mostrando qual o verdadeiro mérito de Behaim segundo os modernos estudos e segundo a sua própria opinião. Bastaria, por exemplo, que transcrevesse a seguinte passagem duma crítica sua, publicada em 1910, ao livro célebre de Ravenstein sôbre Martín de Behaim:

«Se o espírito de Behaim voltasse a êste mundo como o do pai de Hamlet, e pudesse ter percorrido a sua cidade natal de Nuremberg, em Maio de 1907, quando os geógrafos alemães ali se encontravam reunidos, ter-se-ia petrificado de espanto ao vêr o monumento erigido em sua honra» (2).

(1) *Ob. cit.*, pág. 67.

(2) Kretschmer, *Geographische Zeitschrift*, Heidelberg, 1910, pág. 525, cit. por Joaquim Bensaude, *Les légendes allemandes*, Genève, 1917-1920, pág. 57.

É assim o próprio Kretschmer que numa data intermédia à 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edição do seu livro, reconhece que ao cosmógrafo de Nüremberg não cabe o papel tão lato que alguns compatriotas lhe vinham atribuindo. ¿Porque é, pois, a 2.<sup>a</sup> edição tão omissa? ¿Porque não reparou o seu tradutor peninsular a omissão numa breve nota anexa ao texto?

Pena é também que o sr. Prof. Echeverria tenha deixado passar sem uma ligeira observação a frase de pág. 70 — ... *occurrió que Cabral, arrastrado por la corriente Sur-ecuatorial*... — versão que em 1892 foi contestada de maneira probante pelo sr. Baldaque da Silva. E lamentamos, sobretudo, que não tenha feito os aditamentos necessários no cap. 12, intitulado — *Cosmografía científica en la época de los descubrimientos*. Escrito em 1912, falta aí o resultado dos estudos posteriores, e foi justamente a partir daquela data que uma modificação profunda se começou a operar na apreciação da ciência cosmográfica daquele período.

Desde que em 1918 o Prof. Hermann Wagner publicou o seu trabalho — *Die Entwicklung der wissenschaftlichen Nautik im Beginn des Zeitalters der Entdeckungen nach neueren Anschauungen*, — abriu-se a era de justiça para o saber náutico português.

Não se pode considerar actualizado, nem perfeito, um livro sobre história da geografia que não dedique umas páginas, ou pelo menos uma nota, à originalidade dos Portugueses na matéria. Em nosso entender e sob o ponto de vista que nos ocupa, é esse o único senão do valioso manual da *Colección Labor*, a que me tenho referido. O Prof. sr. Echeverria tinha actualizado o trabalho de Kretschmer e prestado uma homenagem à verdade e à justiça se fizesse salientar por qualquer forma, em notas ou em prólogo, a parte que cabe a Portugal e ao seu próprio país, à Espanha, mais do que a quaisquer outros povos, nos progressos da geografia, e conseqüentemente nos progressos da civilização em geral. Não se poderá objectar que essas notas ou esse prólogo destoariam do plano da colecção, porque em muitos dos manuais de que ela se compõe — *Etnografía* de Haberlandt, *Cultura del Renacimiento* de Arnold, etc., — os tradutores fizeram acompanhar o texto de numerosas notas da sua autoria.

*La época de los descubrimientos*, traduzida da 4.<sup>a</sup> edição alemã, publicada, salvo êrro, em 1918, indica uma extensa e valiosa bibliografia; mas, exceptuando as *Décadas da Asia* e a *História geral do Brasil* de Varnhagen, não cita um único trabalho em português. De notar é este facto, pois Günther, que estava a par de todos os estudos importantes publicados sobre os descobrimentos, conhecia de sobra as monografias recentes sobre as reivindicações da ciência náutica portuguesa. ¿Porque não citou o livro já hoje

clássico de Joaquim Bensaúde? Não é crível que a omissão fôsse involuntária...

A pág. 33 do texto, Günther, falando dos progressos da arte de navegar dos Portugueses, escreve:

«—Hasta qué punto trajo estas mejoras la acción directa de Don Enrique, o si llegaron mediante extrañas influencias, no consta con seguridad. El astrónomo Jaime de Mallorca, que acaso sea el judío Jahuda Cresques (?), convertido al Cristianismo, debió ser llamado por el príncipe a su corte de Sagres».

Convimos em que a *História da Ciência Náutica Portuguesa*, cujo estudo, em bases sólidas, só há alguns anos se começou a fazer, ainda se encontra envolta em muitas obscuridades. Todavia está apurado que os progressos dos Portugueses foram devidos à acção pertinaz e metódica do Infante de Sagres, ao processo por êle inaugurado, da colaboração do sábio e do marinheiro; está também suficientemente demonstrado que a base científica das viagens marítimas portuguesas foram os trabalhos astronómicos peninsulares da baixa Idade-Média, na maior parte de autores judeus.

O sábio Professor alemão pode ter sido levado, talvez por um excesso de criticismo, a não aceitar a veracidade destas conclusões; podia mesmo aceitá-las e não as querer referir. Não lhe discutimos esse direito. O que lamentamos é que tenha deixado escapar a oportunidade de exarar a opinião de que o saber dos navegantes portugueses não teve origem alemã, opinião já esboçada em 1915, na crítica de *L'astronomie nautique* (1), quando declara que os Portugueses não conheceram as *Efemérides* de Regiomontano nem utilizaram a balestilha introduzida por Behaim, senão relativamente tarde.

Günther repararia assim, generosa e nobremente, um agravo antigo...

¿Quanto tempo decorrerá ainda antes que no estrangeiro se faça inteira justiça à obra geográfica dos Portugueses!

A. DE MAGALHÃES BASTO.

(1) *Mitteilung zur Geschichte der Medizin u. d. Naturwissenschaften*, 1915, Band 14, n.º 1, cit. por Bensaude, *Les légendes*, etc., cit. pág. 12.

### Prémio Godard

Quando olhamos em roda de nós e vemos a diminuta consideração que em Portugal quasi todos ligam àqueles que devotadamente se entregam ao trabalho científico, chegando-se mesmo a não ligar a devida importância aos Institutos de Investigação e por conseguinte a não conceder as mínimas regalias a quem nêles trabalha, somos forçados a concluir também que neste canto da Europa uma de três coisas nos basta:

«Tocar viola,  
Fumar cachimbo ou dormir».

*Raimundo Correia.*

Todavia, felizmente, de outra maneira se pensa para lá das fronteiras: aprecia-se e galardoa-se o trabalho sério dos homens de ciência, que recebem o necessário estímulo vendo premiado o seu esforço. E, neste caso, os portugueses não são despresados, nem esquecidos. Valha-nos isto, ao menos!

Ainda há pouco, no dia 2 de Dezembro, em sua sessão solene anual, a *Société d'Anthropologie de Paris*, decidiu, por unanimidade, conferir o PRÉMIO GODARD ao Sr. Prof. J. A. Pires de Lima, director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, que tinha concorrido com o conjunto dos seus trabalhos e especialmente com uma memória inédita sobre os «Movimentos anormais dos dedos».

Ernesto Godard, um dos membros fundadores daquela célebre associação científica francesa, falecido em 1862, legou 5.000 francos para se instituir um prémio de 500 francos a conferir de dois em dois anos «à melhor memória sobre um assunto relativo à antropologia».

Este prémio foi dado pela primeira vez em 1865. E agora, sendo com êle contemplado um professor nosso, foi assim ao mesmo tempo altamente honrada a ciência portuguesa, facto que registamos nas páginas desta Revista com o maior desvanecimento.

H. M.

### XXII Congresso Internacional dos Americanistas

Como fôra estabelecido, realizou-se em Roma de 23 a 30 de Setembro de 1926 o vigésimo segundo Congresso Internacional

de Americanistas. Do programa constavam numerosas comunicações e conferências sobre assuntos variados de Antropologia, Arqueologia, Etnologia, Linguística, História e Geografia americanas. Alguns desses trabalhos eram da maior importância e novidade, tendo suscitado discussões deveras interessantes. Estavam representados oficialmente 33 Estados e mais de cem Universidades e corporações científicas e inscreveram-se perto de 400 congressistas, entre os quais numerosas individualidades das mais ilustres naquelas sciências.

Foi eleito presidente do Congresso o presidente da Comissão Organizadora, Prof. Amedeo Giannini, e foram eleitos vice-presidentes: Profs. Capitan e Rivet (França); Profs. Karl Sapper e Albrecht Penck (Alemanha); Profs. Salvatore de Benedetti e Vedia y Mitre (Argentina); H. de Goeje (Holanda); rev. Thalbitzer (Dinamarca); Prof. Waldemar Bogoras (Rússia); Prof. Jane Cecil (Inglaterra); general Altolaguirre (Espanha); Prof. Mendes Corrêa (Portugal); rev. W. Schmidt (Áustria); Prof. Martino Gusinde (Chile); Prof. Herbert Spinder (Estados- Unidos); Profs. Giuseppe Sergi, Aldo Trombetti, Roberto Almagià, Raffaele Pettazzoni e Aldobrandino Mochi (Itália). Para secretário geral foi designado o Professor Guido Valeriano Callegari.

A sessão inaugural realizou-se, com a assistência das autoridades e Corpo Diplomático, (depois duma sessão preparatória dos delegados) na *Sala Massima* do Capitólio, sob a presidência do chefe do governo italiano, Benito Mussolini, que proferiu um discurso, falando também o Presidente do Congresso, o Governador de Roma, o Ministro da Instrução Pública e representantes das várias nações. Os outros trabalhos efectuaram-se nas salas do Palácio Corsini, onde se encontra instalada a Academia Real dos Linceus.

Do programa, que era excelente, fizeram parte visitas ao Museu Pigorini, dirigido pelo Prof. Antonielli, à bela necrópole etrusca de Caere, onde foi servido um almôço, ao velho castelo Orsini, de Bracciano, a Tivoli, etc. Houve recepções esplêndidas no Capitólio, pelo Governador de Roma, na Vila Adriana pelo Ministro da Instrução, na Sociedade Geográfica Italiana, e por fim no Palácio Sciarza pelo presidente do Instituto de Seguros Sociais. Houve também um magnífico banquete de gala, de mais de trezentos talheres, no *Grand Hôtel de Russie*.

No dia 30 efectuou-se a sessão de encerramento do Congresso, tendo-se resolvido que o próximo se realizasse em 1928 em Nova-York, em vista dum compromisso tomado no Congresso anterior e duma disposição regulamentar segundo a qual os Congressos devem ter alternadamente as suas sedes na Europa e na América.

Consignou-se, porém, o voto de que o Congresso seguinte, o de 1930, se efectue em Portugal, onde até agora se não realizara nenhum, o que é estranhável, dado o papel fundamental que os Portugueses desempenharam no descobrimento e conhecimento da América. Ao enunciar um tal voto, o Presidente Giannini declarou que essa deliberação representava «um dever e uma homenagem para com Portugal».

No dia 1 de Outubro partiram muitos congressistas em excursão a Nápoles e em 4 de Outubro reuniam-se de novo os membros do Congresso em Florença, onde houve recepção oficial no Município, inauguração solene no Museu de Antropologia e Etnologia dum busto a Paulo Mantegazza, cujo elogio académico foi feito pelo Prof. Aldobrandino Mochi, visita ao Instituto Geográfico Militar, espectáculo de gala, e uma recepção magnífica, com almôço, na encantadora Vila «Loggia» do Conde Constantini, sócio honorário da Sociedade Italiana de Antropologia e Etnologia. Em Florença, o Prof. Puccioni, actualmente catedrático de Antropologia na Universidade de Pavia, e sua esposa, ofereceram, em sua casa, um elegante *tea* a alguns antropólogos congressistas e às esposas destes que os acompanhavam.

O Congresso finalizou em Génova, onde os congressistas foram recebidos oficialmente no dia 7.

Portugal esteve representado oficialmente nos trabalhos e festas da importante assembleia científica pelos delegados do governo, dr. Jaime Cortezão, director da Biblioteca Nacional de Lisboa, e Prof. Mendes Corrêa, que representava também a Faculdade de Ciências do Porto, e pelo sr. Francisco de Almeida Moreira, director do Museu Grão Vasco, de Viseu. O dr. Jaime Cortezão além do seu discurso na sessão inaugural, fez uma patriótica comunicação, na secção de História, sobre o «Tratado de Tordesilhas e a descoberta da América», na qual defendeu largamente a tese de que a atitude dos portugueses nas negociações relativas ao tratado significava um seu conhecimento da América antes das viagens de Colombo. O Prof. Mendes Corrêa, em conferência, com projecções, perante todas as secções reunidas, no Salão Real do Palácio Corsini, expôs e fundamentou a sua «Nova hipótese sobre o povoamento primitivo da América do Sul» pela via Austrália-Tasmânia-Macquarie-Antártida-Ilhas Shetland do Sul-Terra do Fogo. O mesmo professor tomou parte nas discussões dos trabalhos do Prof. Trombetti, de Bolonha, e do Prof. Rivet, de Paris, o último dos quais adoptou a sua hipótese, ao passo que o primeiro dela divergiu, manifestando-se, a seu turno, Rivet e o professor português em opposição ao exclusivismo da tese de Trombetti da origem asiática dos indígenas americanos.

A participação oficial do nosso país nos trabalhos do Congresso foi oportuna e conveniente. Não se compreende que a Pátria de Pacheco Pereira, Álvares Cabral, Lavrador, Cortes-Reais, Solis, etc., e fundadora da grande nação brasileira, se tenha desinteressado de quasi todos os Congressos de Americanistas. Os jornais de Roma «Tribuna» e «Corriere de Italia» publicaram entrevistas com os nossos delegados, que foram também procurados por um representante da imprensa judaica da América.

São para registar dum modo especial o apoio valioso e as gentis deferências que os delegados portugueses receberam do sr. dr. Augusto de Castro, ilustre ministro plenipotenciário de Portugal junto do Vaticano. O eminente diplomata ofereceu no Grand Hôtel de Russie um elegante banquete a várias personalidades italianas, espanholas e portuguesas que intervieram no Congresso, e ofereceu em sua casa outro banquete aos delegados portugueses.

### Humberto de Passos Freitas

O ciclone que no dia 15 de Dezembro tantos estragos causou na ilha da Madeira, fez dar à costa no Funchal um hiate, o «Physália», de que era proprietário o sr. Humberto de Passos Freitas, capitalista madeirense, o qual, com todos os tripulantes, à excepção dum, pereceu no sinistro. O facto merece lutuoso registo nas páginas desta revista, porque o sr. Passos Freitas dirigira-se em tempos aos srs. Prof. Ruy Teles Palhinha e dr. Magalhães Ramalho, de Lisboa, ao autor destas linhas e a outros especialistas em variados ramos da história natural, convidando-os para tomarem parte numa expedição científica que êle tencionava fazer em 1926 e 1927 nos mares tropicais a bordo do «Physália» e para a qual contava já com o apoio das Sociedades de Geografia de Londres e Lisboa e doutras entidades oficiais.

O sr. Humberto de Passos Freitas estava verdadeiramente empenhado na realização desta iniciativa, na verdade muito interessante e reveladora duma nobre curiosidade científica. Não faltavam ao malgrado madeirense energia e espírito de aventura que êle revelara, por exemplo, proporcionando uma arriscada fuga por via marítima a alguns presos políticos que se encontravam nas ilhas.

Infelizmente, a sua morte trágica veio impedi-lo de realizar a viagem científica projectada, mas ainda deu a medida das suas altas qualidades. Durante o temporal, quando o navio garrara,

uma senhora de origem inglesa fôra projectada ao mar. Passos Freitas lançou-se logo à água para efectuar o seu salvamento. Ainda houve quem o visse lutando, por momentos, desesperadamente com os vagalhões. Por fim desapareceu. Nem êle nem a senhora referida escaparam. Uma testemunha presencial que procurara salvá-lo, ainda esteve a dois metros de distância do infeliz naufrago, sem lhe poder valer.

O «Physália» tinha 100 toneladas e possuía as características dum dos navios de Amundsen para as suas expedições polares. A viagem projectada por Passos Freitas seria muito longa. Iniciar-se-ia por uma travessia do Atlântico, com paragens em vários pontos da África e da América do Sul, seguindo-se uma travessia do Pacífico, com visitas a grande número de ilhas da Polinésia e outros pontos, um percurso do Índico, com escala por várias regiões, e por fim o regresso, pelo Mediterrâneo, a Portugal.

M. C.

---

---